



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE UNB PLANALTINA – FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEDOC
TURMA – GANGA ZUMBA

**NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA
EDUCAÇÃO DO CAMPO: DESAFIOS DO LETRAMENTO DIGITAL COM
ESTUDANTES DA LEDOC-UNB**

CLÁUDIA LOPES MARTINS

Planaltina – DF
2018

CLÁUDIA LOPES MARTINS

**NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA
EDUCAÇÃO DO CAMPO: DESAFIOS DO LETRAMENTO DIGITAL COM
ESTUDANTES DA LEDOC-UnB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília- UnB como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Orientador: Prof. Me. Felipe Canova Gonçalves

Planaltina – DF

2018

**NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA
EDUCAÇÃO DO CAMPO: DESAFIOS DO LETRAMENTO DIGITAL COM
ESTUDANTES DA LEDOC-UNB.**

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em ____
de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Me. Felipe Canova Gonçalves
Orientador

Prof. Dr. Djiby Mané
Examinador

Prof^a. Me. Silvia Naara da Silva Pinto
Examinadora

Planaltina – DF
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar sabedoria e força para concluir mais esse curso.

Aos responsáveis por cursar essa licenciatura: a Cida (ex-funcionária da minha irmã), precursora da informação do curso, o Sr. Edgar Caetano Ribeiro e sua esposa Alaíde por me incentivarem e fazerem minha inscrição, e finalmente a Edinêia Mansur que me impulsionava aos estudos e por fazer minha matrícula final.

Aos meus familiares: principalmente minha mãe “Natalina”, irmãos, irmãs, sobrinhos, sobrinhas, cunhadas, cunhados e amigos da família.

Ao quinteto de amigas (Cassiana, Leidiane, Eva Santana, Ana Carolina e Beatriz Vidal), mas especialmente à Cassiana que sempre me ajudou a devanear as palavras desconhecidas no decorrer do curso.

Aos professores da LEdoC que juntos não mediram esforços para que concluísse o curso com êxito e sabedoria:

- Regina Coelly e Ana Cotrim por me colocar sempre em teste com meus conhecimentos, me ensinando a resistir.
- Djiby Mané sempre demonstrando confiança em meus saberes.
- Rosineide por sempre acreditar no meu potencial.
- Jair Reck por tirar na escuridão, iluminando e reorganizando meus pensamentos.
- Bernard por fazer-me viajar no mundo do desconhecido.
- Ana Cristina e Silvia Naara por despertar meu interesse pelo novo (TICs).
- Rafael Villas Bôas por fazer na minha incerteza uma certeza.
- Molina e seus mestrandos por fazer-me apaixonar pela Educação do Campo.
- Clarice me provou que os fracos têm sua fortaleza.
- João Batista me provocou dizendo que Deus está sempre no comando.
- Osanette me ensinou a ver o mundo de forma mais leve.
- Lizandra por me contagiar no mundo do espetáculo.
- Zarref ajudou a tirar-me as vendas e enxergar o mundo real.
- Eliete me ensinou a ser mais criança, porém com responsabilidade.

- Eliene me provou quem estuda chega onde quer (passei no concurso da fundação!).
- Meu orientador Felipe Canova que me conectou ao mundo novo.
- Geraldo Eustáquio, que me ensinou que o saber é uma troca de aprendizagem e que o verdadeiro saber constrói-se junto.

Todos aqueles que passaram pela Ganga Zumba e regaram cada semente para que juntos pudessem colher e cultivar bons frutos (palestrantes).

Todos os funcionários da Faculdade UnB de Planaltina (FUP), especialmente o Daniel da Assistência Estudantil (socioeconômico) que sempre me fez sentir que a FUP era minha segunda família. Gratidão.

Os funcionários da segurança, especialmente os guardas: André, Flavio, entre outros... me fizeram sentir segura mesmo distante de casa.

Aos funcionários do RU, especialmente Daniel, Sebastião, Miriam, Maria do Carmo, as meninas, ao cozinheiro Roberto por fazer nossa alimentação com amor e a nutricionista Laís, por cuidar da nossa alimentação.

Ao pessoal da limpeza.

Aqueles que direta e indiretamente me ajudaram na conclusão do curso.

Aos meus colegas de classe como os quais sempre somamos força nessa jornada.

A coordenação do curso em Licenciatura em Educação do Campo: Eliete Wolff e Eliene Novaes.

Agradeço profundamente meu orientador, Felipe Canova, por ter acreditado no meu potencial; por ter me feito olhar longe com segurança, quando o desespero bateu em minha cabeça; por ter me ouvido com paciência nos momentos de inseguranças; por ter me orientado cuidadosamente nas revisões das inúmeras versões, que eu o fiz ler e reler.

Quero deixar meus sinceros agradecimentos aos meus colaboradores na pesquisa de dados: Adailton (Ant´cistema); Adonilton (turma 10); Ana Carolina; Cassiana; Carlos Roberto; Adilene; Beatriz Vidal; Eurilene; Luan Ramos; Lucas Brandão; Jordana e Valdeir Vivaldo, gratidão a todos.

Aos examinadores da banca, professores Me. Silvia Naara da Silva Pinto e Dr. Djiby Mané pelas suas contribuições e incentivos.

Ao Estado e aos governos progressistas dos últimos anos pela oportunidade de estudar em uma universidade federal pública, de qualidade e gratuita, em um curso surgido no contexto do Reuni. Agradeço a Universidade de Brasília (UnB) *campus* Planaltina, na pessoa do atual diretor Prof. Dr. Marcelo Bizerril.

Parar nunca!!!! Hoje o céu é meu limite, pois as coisas boas são difíceis!!

A situação do indivíduo que, conhecedor de técnicas e tecnológicas digitais, é capaz de usá-las para agir no seu meio social, intervindo de forma transformadora nele. (FERREIRA *apud* CASTRO, 2015, p.96, em reflexão sobre o letramento digital).

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso é uma pesquisa qualitativa voltada à análise do uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) pelos estudantes da habilitação em Linguagens da Licenciatura em Educação do Campo – Universidade de Brasília, buscando entender potencialidades, limites e desafios neste uso. Tendo como objetivo demonstrar o interesse de usar esses recursos das tecnologias dentro e fora da sala de aula, e buscando meios para manter conectados e atualizados aos aparatos da tecnologia, com o entendimento das dificuldades de se manter conectado a uma boa informação no campo. A pesquisa de campo foi feita com descrição etnográfica e entrevistas semi-estruturadas com estudantes do curso, dividindo-os em quatro grupos temáticos relacionados ao uso e acesso às NTICs e utilizando como instrumento de dados um questionário com seis perguntas distintas a cada grupo. A fundamentação teórica está embasada nos autores Molina (2014), Sá (2012), Caldart (2012), Soares (2003), Rojo (2009), Maimone e Ribeiro (2015), Paula e Mané (2016), Gómez (2011), Barbero (2000) e Boal (2003). Diante das falas dos estudantes fica evidenciada a necessidade do uso das NTICs dentro e fora da sala de aula, com os resultados apontando que a maioria dos entrevistados usa os aparatos tecnológicos como recursos didáticos, bem como os estudantes demonstram a necessidade do uso e a dificuldade, principalmente econômica, para manterem-se conectados a uma boa informação, tanto nas escolas do campo como em seu cotidiano.

Palavras-chave: NTICs. Educação do Campo. Linguagens. Tecnologia.

RESUMEN

El presente trabajo de conclusión de curso es una investigación cualitativa orientada al análisis del uso de las Nuevas Tecnologías de Información y Comunicación (NTICs) por los estudiantes de la habilitación en Lenguajes de la Licenciatura en Educación del Campo - Universidad de Brasilia, buscando entender potencialidades, límites y desafíos en este uso. Con el objetivo de demostrar el interés de usar esos recursos de las tecnologías dentro y fuera del aula, y buscando medios para mantener conectados y actualizados a los aparatos de la tecnología, con el entendimiento de las dificultades de mantenerse conectado a una buena información en el campo. La investigación de campo fue hecha con una descripción etnográfica y entrevistas semiestructuradas con estudiantes del curso, dividiéndolos en cuatro grupos temáticos relacionados al uso y acceso a las NTICs y utilizando como instrumento de datos un cuestionario con seis preguntas distintas a cada grupo. La fundamentación teórica está basada en los autores Molina (2014), Sá (2012), Caldart (2012), Soares (2003), Rojo (2009), Maimone e Ribeiro (2015), Paula e Mané (2016), Gómez (2011), Barbero (2000) y Boal (2003). Ante las palabras de los estudiantes queda evidenciada la necesidad del uso de las NTIC dentro y fuera del aula, con los resultados apuntando que la mayoría de los entrevistados usa los aparatos tecnológicos como recursos didácticos, así como los estudiantes demuestran la necesidad del uso y la dificultad, principalmente económica, para mantenerse conectados a una buena información, tanto en las escuelas del campo como en su cotidiano.

Palabras clave: NTIC. Educación del Campo. Lenguajes. Tecnología.

Sumário

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO DO CAMPO E OS LETRAMENTOS	16
1.1 – Contextualização da Educação do Campo.....	16
1.2 - Letramento digital e suas complexidades.....	18
1.2.1 – Letramentos e a alfabetização.....	19
1.2.2 – Letramento digital na sociedade contemporânea.....	20
CAPÍTULO II - NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (NTICs) E O MUNDO DE HOJE.....	23
2.1 - Implantações das tecnologias e sua demanda social	24
2.2 - Impactos da internet na escola e na leitura.....	27
2.3 – Perspectivas interdisciplinares comunicação/educação/ novas tecnologias	28
CAPÍTULO III – ANÁLISE DE DADOS	31
3.1 – Grupo 1: estudantes sem acesso à internet em suas comunidades, com competências de letramento digital	31
3.2 - Grupo 2: estudantes que tiveram acesso à formação em NTICs.....	35
3.3 – Grupo 03: estudantes que ingressaram no curso sem nenhuma noção em NTICs	37
3.4 - Grupo 04: estudantes em situação próxima à ideal	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
ANEXO – IMAGENS DE APOIO.....	50

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo cada vez mais globalizado, o qual nos remete a um mundo pleno de desafios, sendo que a presença dos avanços tecnológicos provoca alterações que se relacionam às tecnologias educacionais. A tecnologia causa uma explosão pela sua forma de comunicar e de adquirir as informações. Através desses meios, podemos acessar informações e praticar a leitura e escrita de qualquer lugar. Compreende-se que o letramento digital é mais que o conhecimento técnico, pois é com ele que o indivíduo pode responder e envolver as demandas sociais utilizando o meio digital. Com isso, a referência letrada e até mesmo a oralidade popular começam a ser trocadas cada vez mais pelo virtual.

Braga e Vóvio (2015) apontam que a tecnologia digital possibilita construção cultural, trazendo um olhar teórico para os desafios de mudanças trazidos pela sociedade conectada. É preciso reconhecer que no momento atual a forma de comunicar inclui a tecnologia, bem como a internet abre novos canais de aprendizagem coletiva. Por isso é necessário acompanhar essa mudança formando um tripé básico: acesso à máquina (suporte), conexão com internet de qualidade (meio) e formação dos professores (mediador).

As NTICs emergem com a intenção de enriquecer possibilidades, sendo que a escola deixou de ser o único lugar em que circula o saber. Com a multiplicação dos meios de comunicação e informação e o surgimento de novas linguagens, os desafios para o sistema educacional são fortes, dentro e fora da escola, e o tripé básico acima citado possibilita a reflexão sobre a importância e a necessidade do uso das tecnologias dentro e fora da sala de aula. No decorrer na pesquisa, percebemos que muitas escolas desconhecem o audiovisual e os docentes usam mais a oralidade para debater algumas questões e ao deparar-se com as imagens sentem-se confrontados, devido a resistência de se atualizarem às NTICs.

A tecnologia chegou ao campo e às escolas, acompanhando esse novo ciclo de mudanças. A LEdoC-UnB, por sua parte, sempre esteve atenta a essas transformações. Sendo assim, nosso problema de pesquisa, construído a partir da pesquisa inicial sobre o tema e a observação da apropriação das NTICs pelos estudantes de linguagens da LEdoC, consiste no seguinte: como analisar a apropriação das NTICs pelos estudantes

do curso – em um recorte planejado – e qual a necessidade do letramento digital no âmbito do curso? Assumimos que a pesquisa, portanto, tece uma articulação entre as áreas de conhecimento da Educação e da Comunicação, sem perder de vista as dimensões econômicas, sociais e de trajetória individual dos estudantes.

Como objetivo geral do trabalho, buscamos analisar os desafios, limites e potencialidades na apropriação das NTICs pelos estudantes de Linguagens da LEdoC UnB em seu percurso na graduação, com o intuito de problematizar o empoderamento do uso dos aparatos tecnológicos, levando a necessidade do letramento digital na Educação do Campo e na sua futura prática docente. Enquanto objetivos específicos, elencamos: refletir sobre os letramentos múltiplos e a compreensão dos estudantes sobre o tema, com enfoque no letramento digital; debater as condições econômicas de acesso às novas tecnologias e as perspectivas de superação das dificuldades encontradas; analisar as possibilidades de uso do celular – que entendemos ser a ferramenta atualmente mais acessível e inserida no cotidiano do grupo pesquisado – como ferramenta de suporte à pesquisa, bem como os problemas que podem surgir com o uso indevido desta ferramenta; e, por fim, investigar as possibilidades de uso das novas tecnologias nas comunidades de inserção dos estudantes e nas escolas do campo.

Para levar a cabo a pesquisa, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa com grupos de estudantes de linguagens da LEdoC, cuja identificação partiu do entendimento de que nosso trabalho demanda a articulação entre dimensões econômicas, sociais e formativas, que se complementam na necessidade do letramento digital combinado ao acesso à internet e aos meios de suporte. Desta forma, no recorte do objeto de pesquisa, identificamos os seguintes grupos:

Grupo 1) estudantes que não têm acesso à internet em suas comunidades, embora tenham desenvolvido competências de letramento digital;

Grupo 2) estudantes que passaram por processos de formação nessa área ou em atividades prévias ao curso que possibilitaram o acesso às NTICs;

Grupo 3) estudantes que ingressaram no curso sem nenhuma noção em NTICs;

Grupo 4) estudantes que se encontram em uma situação ideal, com formação e acesso à internet e aos meios de suporte.

Como técnicas de pesquisa, utilizamos a revisão bibliográfica para dialogar com a entrevista semiestruturada com estudantes de Linguagens da turma Ganga Zumba e um da turma 10, ambas as turmas vinculadas à LEdoC-UnB, no intuito de observar as

potencialidades e limites no uso das NTICs dentro e fora da universidade. Junto aos dados coletados na entrevista, utilizamos na versão final do texto também uma descrição dos membros dos grupos e de seus contextos de caráter etnográfico.

Partimos da pesquisa bibliográfica que, segundo Sfumpf (2012), serve para planejamento global inicial de qualquer pesquisa, a identificação do problema levantado pelo tema proposto e por meio das análises, fundamentaremos com conceitos, sistematizando e evidenciando os pensamentos de autores com acréscimo de opiniões de ideias ao tema com referenciais teóricos. Por tratar de pesquisa qualitativa, é necessário fazer esse levantamento da problemática, obtido essa temática, partiremos para investigação com perguntas e respostas, após leitura, analisaremos as informações colhidas, publicaremos para que possam servir de referência para outros pesquisadores.

Sobre a técnica da entrevista, entendemos que ela constitui “um meio comum das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana” afirmam Fontana & Frey *apud* Duarte (2012, p. 62). Partindo desse pressuposto, fizemos entrevistas individuais com objetivo de aprofundar no assunto e expusemos seus resultados dentro de cada um dos grupos acima citados.

Desta forma, desenvolvemos os seguintes roteiros de entrevistas, direcionados para cada um dos grupos:

Grupo 1

- 1- Quais os meios tecnológicos utilizados para se manter conectado fora da LEdoC?
- 2- Quais os impactos causados pela falta da tecnologia?
- 3- Quais os desafios enfrentados para conseguir o acesso às NTICs nas comunidades?
- 4- Qual meio utilizado para obter informações na era digital?
- 5- Quais soluções foram tomadas para que se tenha tecnologia nas escolas?

Grupo 2

- 1- Você como morador do campo (assentamento) qual seu meio de comunicação obtido para ingressar na LEdoC?

- 2- Qual seu domínio de manuseio das tecnologias digitais dentro e fora da LEdoC?
- 3- Qual a necessidade do uso desses meios de comunicação para sua formação?
- 4- Você usa com frequência os meios tecnológicos? Quais?
- 5- Quais suas expectativas em relação ao curso da LEdoC e sua contribuição para que se torne realidade?
- 6- Dentro da sua comunidade qual seu meio de comunicação para interagir com os demais?

Grupo 3

- 1- Quais seus maiores desafios diante da tecnologia?
- 2- O que o curso LEdoC ajudou para apropriar das NTICs?
- 3- Quais os limites para ter acesso às NTICs?
- 4- Qual seu domínio de manuseio das tecnologias digitais dentro e fora da LEdoC?
- 5- O que mudou em sua vida e quais os impactos depois se potencializar da tecnologia?

Grupo 4

- 1- Quais aplicativos você usa frequentemente e com quais finalidades?
- 2- Quais as mudanças depois de si potencializar dos meios NTICs?
- 3- Qual o meio utilizado para obter essas informações?
- 4- Em que as NTICs ajudaram na sua formação?
- 5- Teve alguma dificuldade em manter-se conectado?

Na forma final do texto, amadurecida após as contribuições da qualificação, apresentamos o trabalho de conclusão de curso em três capítulos.

No primeiro capítulo abordamos a Educação do Campo e processos de letramentos com ênfase no letramento digital. Além da questão dos letramentos, nosso interesse passa também por entender como se dá a formação de professores na

licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), um curso que vem contextualizando as lutas sociais camponesas por terra e por uma educação igualitária, potencializando a construção da autonomia. Este capítulo está embasado pelos seguintes autores: Molina (2014), Sá (2012), Caldart (2012), Soares (2003), Rojo (2009), Maimone e Ribeiro (2015), Paula e Mané (2016) e Castro (2015).

Quanto ao segundo capítulo, debatemos as temáticas sobre as novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs) e o mundo de hoje, com os desafios e avanços desse mundo globalizado. Utilizamos as definições de autores como Kenski (2003), Levy (1993), Gómez (2011), Barbero (2000) e Boal (2003), buscando relacionar as NTICs com diferentes estratégias em educação e comunicação.

Já no terceiro capítulo, partimos da pesquisa de dados com investigação, com enfoque no uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) por estudantes da habilitação em Linguagens da licenciatura em Educação do Campo. Os resultados da pesquisa emergiram no texto com análise da compreensão do uso das NTICs pelos estudantes, trazendo as potencialidades, dificuldades e os limites para o empoderamento do uso das NTICs dentro e fora da LEdoC-UnB.

CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO DO CAMPO E OS LETRAMENTOS

1.1 – Contextualização da Educação do Campo

A educação interfere no tempo e melhorando-se do fator humano modifica-se por completo o quadro do país, abrem-se possibilidade de desenvolvimentos muito maiores. Não há país que tenha conseguido se desenvolver sem investir consideravelmente na formação de gente. Este é o mais importante investimento a fazer para que haja, não só crescimento, mas autêntico desenvolvimento. (Mônica Molina).

A construção do Curso de Licenciatura em Educação do Campo em 2007 veio como fortalecimento à agricultura camponesa. O curso habilita profissionais de área específica da UnB do campus de Planaltina– FUP em Linguagens, Matemática e Ciências Naturais a atuarem nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. A Licenciatura usa metodologia de alternância pedagógica com dois tempos diferentes, sendo que o Tempo Universidade (TU) ocorre na Universidade e o Tempo Comunidade (TC) ocorre nas comunidades de origem, com suporte da equipe de professores da LEdoC-UnB aos estudantes do campus de Planaltina, para que possa associar a teoria com a prática.

A Educação do Campo tem como objetivo a formação de educadores por área para trabalhar nos territórios do campo, como propósito de relacionar a realidade destes territórios com as suas comunidades fazendo uma luta contra-hegemônica com finalidade de formar intelectuais e sujeitos políticos para atuar e desenvolver essas transformações. Assim, sobre este tema, Freitas pondera que

[...] se a ligação da escola é com a vida, entendida como atividade humana criativa, é claro que a vida no campo não é a mesma vida da cidade. Os sujeitos do Campo são diferentes dos sujeitos da cidade. [...] O campo tem sua singularidade, sua vida e a educação no campo, portanto, não pode ser a mesma da educação urbana, ainda que os conteúdos escolares venham a ser os mesmos. A questão aqui não é reconhecer que há uma identidade para os sujeitos do campo, mas reconhecer que há uma forma diferente de viver a qual produz relações sociais, culturais e econômicas diferenciadas. Se tornarmos o trabalho, ou seja, a vida como princípio educativo, então, necessariamente os processos educativos no campo serão também diferenciados no sentido

de que o conteúdo da vida ao qual se ligará o conteúdo escolar é outro. (FREITAS, 2010, p. 158, *apud* MOLINA, 2014).

O uso do trabalho pedagógico dialogado com os educandos, articulando os saberes populares com o científico, aumenta a intercomunicação das realidades objetivas, envolvendo o todo para resolver uma determinada problemática que, por sua vez, usará seus saberes com os outros. A proposta da LEdoC permite observarmos a fragmentação que a ciência faz quanto à aprendizagem, sendo voltada para educação libertadora em diálogo com as lutas sociais, que se manifestam por meio de seus intelectuais representados como classe trabalhadora. É uma pedagogia plural e complexa, como vemos na citação abaixo:

Embora com métodos diferenciados, bases teóricas distintas, considerando a influência de base epistemologia do materialismo histórico dialético e Pistrak e da fenomenologia e do marxismo em Freire, esses educadores comungam de uma pedagogia emancipadora, que propõe o vínculo com a vida, sendo o planejamento instrumento para a articulação com a realidade ou “porções da realidade”, como descreve Pistrak. Assim, na proposição de Pistrak, por meio do complexo temático busca-se garantir a organização dos conteúdos reais dos trabalhadores. Na perspectiva de Freire, o método leva a desvendar e transformar a “situação limite”, por meio do trabalho com o tema gerador que precede a leitura da palavra. (LOSS e VON ONÇAY, 2013, p.53, *apud* MOLINA, 2014).

Assim, ambos consideram que o conhecimento não se dá por conhecimento puro, pois a nossa escola é de transmissão do mundo. Acessar o conhecimento científico é fundamental para a libertação do sujeito, pois o conhecimento acumulado por si não liberta, por isso as ciências vieram para implantar certa curiosidade colocando o sujeito como intelectual orgânico, ou seja, um ser pensante e crítico.

Segundo Roseli Caldart (2012), a Educação do Campo, pensada como referência de futuro à educação dos trabalhadores, tem o papel de trazer à tona a efetiva universalização do direito à educação, historicamente negado e com isso promover tensões necessárias ao desencadeamento do direcionamento de políticas e ações no sentido do atendimento das necessidades dos sujeitos camponeses.

A Educação do Campo com a formação por área tem como objetivo formar um coletivo de professores, para ajudar a escola do campo dentro de uma perspectiva de um princípio educativo que tem como base a interdisciplinaridade, usando o conteúdo como ferramenta de construção da aprendizagem. Caldart, em seu texto “Licenciatura em

Educação do Campo e projeto formativo: qual o lugar da docência por área” (2010), aborda a temática da profissionalização do curso e a criação de uma escola tem que ter a cara da comunidade com os sujeitos construtores dela. O curso garante articulações e aprofundamento com vínculo orgânico entre escola do Campo e movimentos sociais, relacionando nova concepção de Educação Básica e trabalhando a totalidade sem deixar o foco da especificidade do trabalho pedagógico.

Segundo Molina (2014) e Molina e Sá (2012), a Educação do Campo nasce a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto de luta de movimentos sociais camponeses por terra e educação. Desta forma, colocam os educandos para articular os conhecimentos vividos com o científico, potencializando a construção da autonomia e possibilitando-os de conduzir uma nova estratégia fora e dentro na sala de aula. Em síntese, ao atribuir essa intelectualidade orgânica do campo, possibilita o sujeito a resistir à desterritorialização imposta pelo capital. É uma proposta, podemos dizer, que vai além da definição do Ministério da Educação (MEC), a educação do Campo enfoca em sua vinculação com as questões inerentes à sua realidade (Foto03), ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia.

1.2 - Letramento digital e suas complexidades

Os meios tecnológicos vieram para facilitar nossas vidas. Contudo, junto com eles, surge a demanda por uma educação ao melhor uso destes meios. Para isso, é necessário que saibamos o que é letramento digital, partindo de uma diferenciação entre a leitura, escrita e o virtual. Assim, para entendermos essa difusão do virtual com o espaço da escrita, é preciso levarmos em consideração o conceito de letramento digital e seus efeitos sócio e cognitivo. Dentro da complexidade do letramento, se encontram suas ramificações que são difundidas e para disseminar essa capacitação nas redes públicas, falta o conhecimento para desenvolver melhor o uso da tecnologia digital (NTICs). A tela do computador está sendo considerada como suporte de leitura e escrita digital, com isso, possibilita a interação do leitor com o escritor configurando assim o letramento digital. Para inserir esses aparatos tecnológicos dentro desse contexto, é necessário que haja uma pessoa letrada digital como mediadora.

Segundo Dantas (2015), os estudos nos ambientes digitais dão margens para pesquisa e estudos, criando novas fórmulas com interações de textos digitais com o impresso. Apesar de que algumas linguagens da internet se diferenciam do padrão, mas já estão sendo aceitas pela sociedade contemporânea como nova linguagem específica de letramento. Antes de seguirmos na reflexão sobre o letramento digital, faremos uma breve contextualização da relação entre letramento e alfabetização.

1.2.1 – Letramentos e a alfabetização

Para Kato (1986), a língua falada é consequência do letramento, assim novas palavras são criadas. A palavra letramento veio do verbo letrar, mas se refletirmos sobre a raiz da palavra no inglês *literacy*, que vem do latim lit-tera (letra), deduzimos que o letramento é o resultado da ação de “letrar-se”. Mesmo um indivíduo não sabendo ler e nem escrever, pode ser considerado letrado, pois ele vive em um meio onde a leitura e a escrita são usadas como palavras e estruturas que pertencem ao mundo do letramento.

Rojo (2009) aponta que o letramento é uma ação de alfabetizar, logo alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever. Porém, a alfabetização possui várias fases nas quais o indivíduo aprende a ler e a escrever, não sendo necessariamente alfabetizado porque alfabetizar é ensinar a ler signo linguístico. Para trabalhar o letramento na escola, é preciso inserir a interdisciplinaridade, abordando diversas mídias (jornais, revistas, *links*, hipertextos e outros) com suporte de informação e formatação. Nesse sentido, para formar cidadãos com características críticas, precisamos produzir textos, resenhas, resumos. E ao conectar as novas mídias com o letramento alfabético ficará fácil o entendimento para produção, pois só o letrado alfabético terá a qualificação para se apropriar do letramento digital. Dessa forma, letrar seria mais que alfabetizar, ou seja, “ensinar a ler e escrever” dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno (SOARES, 2003). Assim, o letramento pode ser visto como práticas múltiplas, porque tem um formato próprio e um contexto específico.

Para Maimone e Ribeiro (2015), há diferença entre ser alfabetizado e ser letrado, pois ser letrado é ter domínio da escrita com resultado da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e que são capazes de interpretar a realidade por meios de sons, gráficos e alterando seu ponto de vista social, cultural,

político e até mesmo econômico com interações verbais no momento que relacionamos a realidade. Por outro lado, ser apenas alfabetizado significa conhecer as letras, pois a aprendizagem da língua escrita não é apenas a transcrição da oralidade.

1.2.2 – Letramento digital na sociedade contemporânea

O letramento digital é mais que o uso do computador de modo funcional para digitar um texto ou fazer uma pesquisa na internet. Há uma demanda contemporânea de referências necessárias para nos comunicarmos por meio das mídias *on-line* com o domínio da informática. É importante termos em mente que “a comunicação multimodal apresentou o maior progresso, combinado no texto, planos de fundo, fotografias, matérias gráficas, áudio e vídeo numa apresentação única” (WARSCHAKER, 2006, p.160). Esse mesmo autor ressalva que a quantidade de informação na era moderna, vem se tornando um referencial para o letramento da multimídia. (Foto03).

Promover alfabetização no mundo contemporâneo está se tornando desafiador. O processo de leitura e escrita praticado no ambiente escolar na era do avanço da tecnologia nos leva a refletir sobre o uso de novas metodologias. (Foto 04, 05).

Logo, letrar significa colocar o indivíduo no mundo letrado. E, em relação à alfabetização, essa alfabetização começa no seu cotidiano, de maneira informal adquirida em sua alfabetização. Levando as práticas sociais da língua escrita, o letramento é informação através da leitura, escrita ou virtual. Paula e Mane (2016, p. 45) apontam que “por letramento digital compreende-se a capacidade que tem o indivíduo de responder adequadamente às demandas sociais, que envolvem a utilização dos recursos tecnológicos e da escrita no meio digital”. Desta capacidade, podemos ressaltar a demanda por agilidade e comunicabilidade em ambiente digital, o que contempla as transformações oriundas das “formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo entre o ser humano e o conhecimento” (SOARES, 2004 apud PAULA e MANÉ, 2016, p. 45).

Partindo de um contexto social em que estão inseridos os sujeitos do campo, percebemos que o letramento digital deve ser associado à situação de desigualdade social e econômica, o que requer uma reflexão para buscar alternativa sem relação ao uso e ao acesso dessas tecnologias digitais.

Nesse sentido, o letramento venha ser uma prática social, no qual o letramento acadêmico possui uma relação com material escrito na sala de aula, tornando possível produzir diferentes gêneros textuais, tais como: resumo, resenha, síntese, fichamentos, entre outros. Já o letramento digital nos permite ter uma nova relação com a tecnologia para podermos manusear e capacitarmos para o uso dessas práticas socioculturais.

Luiz Costa Pereira Junior, editor da revista *Língua 40*, faz uma ressalva aos seus leitores sobre a confusão comunicativa, no qual ele nos alerta que “o universo da letra em seus vários campos, no papel, mas também na tecnologia, o mundo dos livros e da internet” (pag.04), o autor nos relembra que o idioma seja por decretos, os acordos ortográficos que chegam sem aviso e hoje a abreviação das grafias *on-line* está se popularizando. A revista aborda “a popularização do internetês”, essa maturidade se dá por consolidar o estilo informal da comunicação escrita. Hoje os meios de comunicação podem ser por e-mail, mensagem (MSN), Facebook, blogs e outros.

A língua é viva e dinâmica, e toda mudança ocorre pelo uso do indivíduo. Assim, com as abreviações surge o enxugamento de palavras tais como: “Você (Vc), cadê (kd)”, entre outras, mas por outro lado surgem palavras novas tais como *googlar* (pesquisa no site do *Google*). Não podemos deixar de falar dos símbolos em forma de *emoticons* expressando sentimentos. (Foto 06)

A LEdoC, nesse contexto do letramento digital, buscou adequar-se pois ela foi criada para alterar a forma de ensinamento, no qual o protagonista é o estudante e a sua comunidade. Entendemos que a gestão do professor não é para dar um simples certificado e sim transformar a escola que existe numa escola em movimento. Assim, ela entra nas políticas públicas para lutar nos processos comunitários, porque a comunidade tem direito e acesso à escola para isso, inclusive estendendo este acesso às NTICs. Como afirmou em sua tese de doutorado a professora da LEdoC e pesquisadora Wanessa de Castro, trata-se de uma área de conhecimento que traz benefícios aos discentes, aos docentes, à escola e à comunidade, sendo um dos pilares de seu desenvolvimento. A autora reforça, inclusive, a necessidade de fortalecer essa área na própria licenciatura:

Acreditamos que esse fortalecimento passa por um conjunto de ações em que estariam contempladas: criação do componente curricular Letramento Científico e Digital como disciplina e não mais oficina; abertura de concurso para docente com vaga específica para esta área de conhecimento; ampliação da carga horária do componente na matriz e no Projeto Político Pedagógico desta Licenciatura; criação de

vaga para monitor da disciplina com formação específica; construção e dotação de infraestrutura de pelo menos dois laboratórios de informática exclusivos para a LEdoC com manutenção periódica; contratação de serviço de Internet de boa qualidade/velocidade para ambos os laboratórios. (CASTRO, 2015, p. 171).

CAPÍTULO II - NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (NTICs) E O MUNDO DE HOJE

Estamos vivendo uma época de desafios e avanços tecnológicos, na qual o acesso à informação se torna mais rápido e fácil, onde o giz, o quadro negro, o caderno e os livros já não são mais as únicas ferramentas utilizadas em sala de aula. A tecnologia veio para incrementar e impactar. Estamos tão familiarizados com o uso das tecnologias que nem as percebemos em nosso cotidiano. Segundo Kenski (2003), tecnologia é o conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade. Mas para Levy (1993), há tecnologias da inteligência sem ser nas linguagens dos equipamentos, isto é, a linguagem escrita, oral e digital. Isso não quer dizer, contudo, que ao nos apropriarmos das tecnologias estaremos graduando nossos conhecimentos, pois eles estão em constante transformação. Ensinar nesse mundo de tecnologias está cada vez mais desafiador.

Para termos o conhecimento e entender o possível benefício do uso das NTICs em sala de aula, primeiro precisamos saber produzir e transmitir conteúdos, valores e informações relevantes nos aspectos sociais, culturais, políticos, etc. Para isso acontecer, é necessário fazer uma reflexão sobre a importância e necessidade da tecnologia. A falta de estratégia para o uso desses aparatos tecnológicos pode provocar perda de seu potencial. Um desafio é o professor aperfeiçoar-se aos poucos nessas novas tecnologias, pois sua aprendizagem não é imediata, já que todo meio requer uma orientação específica para o uso e interações com os formatos, códigos técnicos e linguísticos. Do mesmo modo, os estudantes devem avançar com o uso dessas ferramentas para não se tornar apenas diversão e sim aprendizado. São transformações necessárias para o trabalho pedagógico, que podem trazer muitos benefícios para o trabalho com linguagens no curso de Licenciatura em Educação do Campo, tanto na formação dos estudantes como em sua prática docente posterior.

Durante as aulas de laboratório de informática na universidade (UnB), comecei a perceber as minhas dificuldades e de alguns colegas em manusear o computador. Notei que alguns estudantes da LEdoC tinham dificuldade de acesso, pois segundo afirmaram em conversas informais, não possuíam essas tecnologias em suas comunidades. Por outro lado, um deles comentava que mesmo possuindo habilidade de manuseio, tinha

dificuldades de manter-se informado devido à falta das tecnologias. Ou seja, embora vivamos numa época de avanço tecnológico, somos separados pelas condições econômicas. Diante dessas perspectivas, temos de incentivá-los ao uso das novas tecnologias nas suas comunidades de inserção. É preciso tratá-los por igual independente da sua condição social ou racial. Ao estimulá-los a buscar o “novo” estamos os orientando a problematizar o controle do conhecimento em que só o professor detém o saber. É preciso firmar parcerias para que o uso seja tratado como ferramentas de suporte e não como substituição do professor.

2.1 - Implantações das tecnologias e sua demanda social

A tecnologia foi criada para facilitar a vida do ser humano, pois vivemos em um mundo globalizado, onde a tecnologia está ligada ao conjunto da sociedade. Segundo Gómez (2011), as novas tecnologias emergem com os meios de comunicação de massa em meados do século XX, bem como no uso de novas tecnologias por demanda social. O mesmo autor relata o uso dessas tecnologias de demanda social, por exemplo, nos sensores eletrônicos na Alemanha, introduzidos nos elevadores, portas de lojas e hotéis e nos banheiros a fim de controlar o uso da água. Nos Estados Unidos foram utilizadas para as portas dos *shoppings centers* com o intuito de facilitar a vida dos consumidores.

Já no processo educativo, temos vínculo da tecnologia com a educação e a comunicação, partindo de um pressuposto de que as novas tecnologias da informação e da comunicação comportam, para Gómez, uma dupla dimensão:

Por uma parte, as novas tecnologias devem se articular como suporte de uma comunicação educativa mais diversificada, através do aproveitamento de variadas linguagens, formatações e canais de produção e circulação de novos conhecimentos. Por outra parte, as novas tecnologias devem constituir-se também em objetos de análise e estudo, através de processos de pesquisas dos seus efeitos, usos e representações culturais. Sobretudo, através do planejamento de estratégias de educação dos usuários que tenham como objetivo formar interlocutores capacitados para uma recepção e produção comunicativa ao mesmo tempo múltipla, seletiva e crítica. (2011, p. 159)

Hoje o debate, como aponta Gómez (2011), não é mais se as NTICs são ou não desejáveis, e sim como devem ser as estratégias de apropriação e as mediações a serem estabelecidas pelos educadores no seu uso.

Para o autor, “não se trata de acolher a tecnologia tal e como ela nos é oferecida pelo mercado, nem para os fins que os mesmos produtores e comerciantes da tecnologia desejam” (GÓMEZ, 2011, p. 160). Cabe ressaltar que, muitas vezes, as NTICs emergem com uma ideia de “educação moderna” que, segundo os mexicanos e brasileiros, orquestrou as redes eletrônicas e digitais para enviar conteúdos educativos televisivos ou pelos computadores para centros escolares. Ao incorporar acriticamente as NTICs, a aprendizagem começa a decair por não ter o docente presente, mas por outro lado abrem-se possibilidades via satélite ao conteúdo enviado *online* com os planos de estudos e com isso a tecnologia abre portas para a educação a distância onde o profissional docente não chega de carne e osso (GÓMEZ, 2011).

A tecnologia foi criada para facilitar a vida do ser humano, pois vivemos em um mundo globalizado, onde a tecnologia está ligada ao processo da sociedade. Por isso a importância da educomunicação, que, em uma fórmula operativa, seria educação + Comunicação + Mídia + Ação como aponta Oliveira Júnior e Silva (2010). Gonnet (2004, *apud* OLIVEIRA JÚNIOR e SILVA, 2010) considera que a instrução sem a educação como uma divergência ultrapassada, onde ao professor é creditado o papel de mediador. Já Deiors (2005, *apud* OLIVEIRA JÚNIOR e SILVA, 2010, p. 85) afirma que “educar é uma utopia necessária, pois é por meio da educação que o ser humano é inserido na sociedade”.

Um exemplo de uso da tecnologia por demanda social é a Educação Inclusiva. A inclusão vem rompendo barreiras na sala de aula, apesar de que os docentes muitas vezes não se encontram preparados para rompê-las. A Educação Inclusiva sofre com ausência de equipamentos para que os docentes possam desenvolver seus trabalhos em sala de aula, pois, segundo a LDB nº 9.394/ 96, a escola do ensino regular deve estar adequadamente preparada para receber os alunos com necessidades educacionais especiais, porém as escolas públicas não se encontram preparadas para recebê-los.

A pesquisa feita por Manrique (2012) no estado de São Paulo aponta a escassez da Tecnologia Assistiva (TA) para os alunos da escola pública, que tem um contingente de aproximadamente de 20% dos alunos com deficiências relacionadas à visão e à audição. Por isso a turma de pós-graduação em Matemática da PUC-SP busca parceria

com alunos do bacharelado em Engenharia Elétrica para desenvolver TCCs na área da tecnologia para alunos com deficiência.

Araújo et al. (2011), Cardoso et al. (2011) e Gomes et al. (2011), desenvolveram três projetos de TCC com foco em protótipos para aluno com deficiência visual. O primeiro foi com “dispositivo com tela digital e estimulação sonora para pessoa com deficiência visual” criando um dispositivo de baixo custo, o qual pudesse auxiliá-los na identificação das formas geométricas e gráficos matemáticos. Assim, ao tocá-los, eles se identificam pelos contornos, com a descrição da plataforma a placa será impressa. Em seguida haverá uma comunicação através dos eletrodos que são ligados a um microcomputador que utiliza um programa do tipo “MsPaint”, onde cria os desenhos de forma serial para a placa dos eletrodos. Assim, as figuras são impressas na mesma forma, com essas imagens em um protótipo de display Braille, possibilitando o usuário criar com os dedos o som e imaginar as formas geométricas.

Outra iniciativa, segundo (ARAÚJO et al., 2011), consiste em desenvolver um “dispositivo auxiliar na aprendizagem de operações matemáticas” para portadores de deficiência visual, auditiva ou motor a voltado à resolução das quatro operações aritméticas básicas, com números inteiros e negativos. Através do circuito eletrônico da calculadora, é indicado pelo áudio ou por sinal luminoso o resultado certo ou errado. Esse dispositivo é feito à base de uma caixa de madeira equipada por circuitos eletrônicos, áudio e a bateria, em seguida as informações são impressas em Braille que utiliza um microprocessador para reconhecer os números que são comparados e gravados ao serem verbalizados por um módulo MP3 e sinalizados por LEDs. Assim, a pessoa com essas deficiências poderia identificar as peças por serem de alto-relevo.

Somando-se a essas tecnologias, Manrique et al. (2015) desenvolveram um “sistema para conversão em tempo real do Braille para o texto alfanumérico” para fazer a conversão. Os alunos da engenharia elétrica criaram um protótipo implantando o OBR (*Optical Braille Recognition*) que transcreve código Braille para texto ótico, no qual esse sistema pode ser usado através de um *smartphone* tablete com aplicativo com Bluetooth 2.0.

2.2 - Impactos da internet na escola e na leitura

O mundo está conectado às informações e desligada às tecnologias, ou seja, há uma diferença entre estar conectado com quantidade de informação com quem está desligado à internet. Hoje os meios tecnológicos estão em toda parte facilitando o acesso à informação, que pode ser acessada em qualquer lugar. Já os livros têm difícil acesso, muitas vezes as condições financeiras não permitem a compra, ou mesmo seu manuseio de carregar é difícil e até a escola contribui com sua carga para dificultar o acesso, ao retê-los para que não sejam estragados pelos seus estudantes leitores. Com tudo isso, hoje é possível que os leitores tenham menos impedimentos de acesso as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação e as próprias escolas, aparentemente não estão tendo espaço para os livros (Foto02). Segundo Barbero (2000), em pesquisa realizada na Universidade Del Valle, os livros são identificados como dever da escola e não como leitura criativa e prazerosa. Assim, quando acaba o período escolar termina o seu emprego. Os professores vêm enfrentando grandes problemas com a escrita dos alunos, devido à falta da leitura. Com acesso virtual via leitura *online*, o aluno apenas lê e não escreve ou não escreve na norma culta. Embora tenha uma leitura prazerosa, ele não coloca no papel suas ideias, o contexto do que leu, e assim acaba empobrecendo seu vocabulário na escrita.

O livro é o primeiro acesso para abrir a alfabetização, embora nos dias atuais, a criança já vai para escola sabendo noções básicas do mundo digital. Letrar uma criança hoje é um desafio para seus alfabetizadores, pois se a escola considera o livro o ponto de chegada e de saída para alfabetizar, além da alfabetização regular é necessário pensarem outra alfabetização, a da informática e das multimídias. A escola deixou de ser o único lugar onde circula o saber. Com a multiplicação dos meios de informações, os desafios para o sistema educacional são fortes fora da escola e com isso surgem novas linguagens, chamadas por A. Moles de mosaico por fragmentar esses conhecimentos.

2.3 – Perspectivas interdisciplinares comunicação/educação/ novas tecnologias

O pesquisador Jesús Martín-Barbero (2011) relata que a Colômbia possui as relações conflitivas entre a cultura e educação no âmbito das novas tecnologias. O autor cita como exemplo as dificuldades de entendimento governamentais sobre o papel dos meios de comunicação, pois tanto a TV como o rádio são vistos como meios apenas de transmitir e não de criar cultura. Há, para Barbero, uma fragmentação nas políticas públicas voltadas para as NTICs na Colômbia – um quadro semelhante ao brasileiro:

O que tem a ver o avançadíssimo e riquíssimo mundo das telecomunicações com a nossa atrasada e paupérrima educação? Não obstante, o que o país está jogando aí, na ausência de políticas conjuntas de Cultura/Comunicação/Educação, é sua própria viabilidade como nação, tanto política quanto cultural, tanto social como laboral, já que tudo isso passa pela necessidade de que o ecossistema comunicacional se articule e se organize com as dinâmicas da cultura e da educação. Isso, porém, não é possível a partir de políticas governamentais que são conjunturais e imediatistas; o que se necessita são políticas de Estado de longo alcance. (BARBERO, 2011, p. 122)

Uma experiência latino-americana que pode nos apontar perspectivas interdisciplinares na articulação entre cultura, comunicação, educação e novas tecnologias foi desenvolvida por Augusto Boal no Peru. Boal (2013) utilizou sua experiência de teatro popular no Peru para ensinar os adultos a ler e a escrever, partindo de um plano nacional de alfabetização Integral do governo Revolucionário em 1973. O plano tinha como objetivo erradicar o analfabetismo em quatro anos aproximadamente, porém encontrava sérios problemas pelo grande número de línguas e dialetos no Peru.

Tal vivência permitiu a Augusto Boal e aos membros da Operação Alfabetização Integral (ALFIN) uma compreensão genuína em relação à linguagem, pois:

Os analfabetos não são “pessoas não se expressam”, mas simplesmente são pessoas incapazes de se expressarem em uma linguagem determinada, que é o idioma castelhano, nesse caso. É importante compreender que *todos os idiomas são linguagem, mas nem todas as linguagens são idiomáticas!* Existem muitas linguagens além de todas as línguas faladas e escritas. O domínio de uma nova linguagem oferece, à pessoa que a domina, *uma nova forma de conhecer a realidade* e de transmitir aos demais esse conhecimento. *Cada linguagem é absolutamente insubstituível.* Todas as linguagens

se complementam no mais perfeito e amplo conhecimento do real. (BOAL, 2013, p. 122, grifos do autor)

Em decorrência desta compreensão, os educadores do ALFIN buscavam a alfabetização na língua materna e no castelhano, bem como também a alfabetização em todas as linguagens possíveis, especialmente as artísticas como o teatro, a fotografia, os mamulengos, o cinema, o jornalismo, entre outras. Assim, o teatro passa a ser visto como linguagem (BOAL, 2013), passando suas experiências através de suas práticas e usando sua forma a serviço dos oprimidos. Seu objetivo era transformar o povo “espectador”, sem ser passivo, sem sujeito, em ator como transformador em ações dramáticas.

A alfabetização por fotografia utilizada pela Estela Lineares, uma orientadora de fotografia do ALFIN, foi uma experiência que entregou máquinas fotográficas para o grupo que estava sendo alfabetizado. Através da fotografia, a mediadora pediu para eles definirem castelhano, o que era linguagem. Os alunos trouxeram várias fotos-respostas nos lugares em que eles vivem. Por meio dessas fotos surgiram muitos debates. A utilização da fotografia pode descobrir símbolos para comunidade, grupos sociais que, através dos grupos teatrais, conectam ao público (BOAL, 2013). Por outro lado, Barbero traz uma importante ponderação:

Contrariamente aos que veem nos meios de comunicação e na tecnologia da informação uma das causas do desastre moral e cultural do país, ou seu oposto, uma espécie de panaceia, de solução mágica para os problemas da educação, sou dos que pensam que nada pode prejudicar mais a educação do que nela introduzir modernizações tecnológicas sem antes mudar o modelo de comunicação que está por debaixo do sistema escolar. (BARBERO, 2011, p. 123)

Esse sistema do tradicionalismo faz com que os livros e textos sejam considerados como os únicos depósitos reconhecidos do saber. Junto a isso, a escola exerce papel de comunicador e deixa que o professor obtenha um papel de superioridade perante o conhecimento. Como uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, a escola passa a problematizar os desafios para que os alunos busquem informações, possibilitando o desenvolvimento intelecto do aluno e uma postura mais protagonista do estudante. O professor transmite o conhecimento e orienta, assumindo um papel de intermediador da construção do conhecimento. Embora incluir essas novas tecnologias nas escolas seja necessário, é preciso preparar os alunos para buscar essas

informações com qualidade e segurança e planejar práticas pedagógicas que não caiam na cilada apontada por Barbero: “nossas escolas continuam vendo nesses meios unicamente uma possibilidade de ilustrar o que se diz, de tornar menos aborrecida a lição, de amenizar algumas jornadas de trabalho, presas da inércia mais insuportável.” (BARBERO, 2011, p. 128).

A sociedade do século atual está modificada pelos NTICs, pois as novas tecnologias fazem parte do nosso cotidiano e ficar sem elas é quase impossível atualmente. Tanto a linguagem falada, quanto a escrita estão conectadas aos aparatos tecnológicos como computadores, projetores, televisores, câmeras, celular, entre outros. Por isso é crucial que os futuros educadores pensem e assumam uma nova responsabilidade da aquisição do conhecimento. O entendimento desse novo processo educativo e comunicativo facilitado da a estrutura pedagógica e possibilita um uso criativo: “daí a importância estratégica que adquire hoje uma escola capaz do uso criativo e crítico dos meios audiovisuais e das tecnologias informáticas. Isso, porém, só será possível numa escola que transforme seu modelo (e sua práxis) de comunicação.” (BARBERO, 2011, p. 131).

CAPÍTULO III – ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo apresentamos a sistematização da pesquisa de campo, com os resultados das entrevistas semi-estruturadas e a descrição etnográfica. Retomando o que já mencionamos na introdução deste trabalho, houve uma divisão dos estudantes em grupos para obter informações distintas. No primeiro grupo ficaram os estudantes que não têm acesso à internet em suas comunidades, embora tenham desenvolvido competências de letramento digital. Participaram quatro estudantes: Valdeir, Ana Carolina, Beatriz e Jordana, todos da turma de Linguagens Ganga Zumba. O segundo grupo ficou com o Adonilton da turma 10 de Linguagens, Adailton Junior e Luan da turma de Linguagens Ganga Zumba, jovens que passaram por processos de formação, de natureza diversa, nessa área ou em atividades prévias ao curso que possibilitaram o acesso às NTICs. Já o terceiro grupo ficou para os estudantes que ingressaram no curso sem nenhuma formação em NTICs. Nesse caso, selecionamos quatro estudantes: Carlos, Eurilene, Adilene e Lucas, todos estudantes de Linguagens da turma Ganga Zumba. Por fim, o quarto grupo ficou para os estudantes que se encontram em uma situação ideal, com formação e acesso à internet e aos meios de suporte, caso da Cassiana e Leidiane.

Por meio dessa pesquisa de campo buscamos trazer como se dá a formação para o uso das NTICs pelos estudantes de linguagens da LEdoC-UNB e sua apropriação dessas ferramentas que estão presentes no nosso cotidiano e ao mesmo tempo distantes devido às desigualdade de classe. Apontarei também algumas dificuldades que alguns estudantes possuem por não estarem conectados a esse mundo digital.

3.1 – Grupo 1: estudantes sem acesso à internet em suas comunidades, com competências de letramento digital

No primeiro grupo de pesquisa dos estudantes de Linguagens, fica explícita essa importância do uso das NTICs, pois aqueles estudantes que não têm acesso à internet em suas comunidades possuem dificuldade de se manterem conectados ao mundo digital. Mesmo com toda dificuldade eles buscam desenvolver competências de letramento digital, tornando-se independentes na busca de conhecimento sem auxílio do

professor quando estão fora da universidade, mas a luta é constante para tornar possível se manterem conectados ao mundo tecnológico.

Um dos exemplos mais claros que identificamos neste grupo 01 é o da estudante e professora Ana Carolina, uma jovem de apenas 20 anos, desenhista e poeta, estudante de Linguagens cursando o 7º período da LEdoC-UnB. Ela relata que na comunidade onde mora não tem energia, mas na sua escola de inserção possui energia e internet, que ela utiliza. Ana Carolina declara que usa a tecnologia em seu favor em suas aulas, por se tratar de turma multi-seriada, usa o multimodal. Segundo a professora estudante, também usa o audiovisual. Um dos exemplos é o vídeo-documentário produzido como trabalho de conclusão de curso pela estudante da turma Chico Mendes Maria Lúcia Gudinho (2017), para fortalecer a cultura Kalunga de sua comunidade, e também utiliza a câmera para documentar as histórias do seu povo para que não caiam no esquecimento. Suas aulas são dinâmicas, por conseguir passar seus conteúdos numa leveza, associando livros e vídeos, assim seus alunos têm maior entendimento do conteúdo dado. E quando está em etapa (TU), a internet é essencial, afirma a jovem professora que mesmo distante consegue dar suporte a sua substituta e acompanhar o desenvolvimento de seus alunos.

Valdeir, um jovem de 25 anos, desenhista e assentado no assentamento São Vicente em Flores de Goiás, é estudante de Linguagens cursando o 7º período da LEdoC-UnB. Ele domina o mundo das tecnologias, sendo um colega que está sempre ajudando os demais em sala e os professores, devido a suas habilidades com os diferentes aparelhos tecnológicos. Ele relata que é difícil manter-se conectado quando está em Tempo Comunidade (TC), porque na sua comunidade o acesso à internet é apenas no celular já que ainda não teve acesso à internet na sua quadra. No seu caso, por se tratar de internet via rádio, o custo é alto e a condição social ainda não permite à sua família ter acesso. Enquanto isso, ele se desdobra no celular. No seu estágio não pode contribuir muito com as NTICs, pois a sua escola de inserção não possui essa estrutura tecnológica. Suas poucas possibilidades ficam restritas a antigos recursos como o *data show* para exibição de vídeos educativos. Como é um usuário avançado, Valdeir lamenta muito em não ter essas ferramentas de apoio ao professor que as NTICs oferecem no mundo digital. Por fazer parte de grupo de teatro em sua comunidade, necessita muito da internet para potencializar seu grupo teatral com produção de vídeo e documentário e, também para a divulgação de seu trabalho artístico individual

(principalmente seus desenhos). O estudante usa o teatro para desenvolver o raciocínio lógico e rápido da juventude desconectada ao mundo digital. Essa ação que ele desenvolve, é potencializada pelas múltiplas linguagens que, segundo Chirstoffoli (2012, p.158), é “a soma dos esforços individuais cria uma força produtiva superior à simples somas das unidades que a integram”. Assim o desafio de construir um processo formativo com os jovens é assumido pelo jovem, preocupado com a formação política e a organização de um instrumento fundamental na comunidade que é o grupo teatral, que leva a participar nas elaborações das peças teatrais, como forma de instigá-los para o desenvolvimento e crescimento na sociedade em que estão inseridos. Podem ser criadas peças de acordo com vivências, pois o teatro tem uma formação humana e as NTICs seriam aqui boas parceiras, caso acessíveis.

Jordana tem 21 anos e reside no território kalunga, Comunidade Vão do Moleque, Cavalcante, Goiás. Durante a nossa entrevista relatou que gosta de dançar Sussa, a dança tradicional do seu território e, embora demonstre timidez com as palavras, a jovem gosta de ler bons livros, tais como: “Políticas da Raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil”, organizado por Flávio Gomes e Petrônio Domingues, e “Mito e Espiritualidade: mulheres negras”, de Helena Teodoro. É uma pessoa que conhece a tecnologia, mas não tem acesso em sua comunidade. Segundo ela, “ao sair da LEdoC-UnB, os meios tecnológicos que eu utilizo são acessíveis somente quando estou na cidade de Cavalcante e quando vou a uma Lan House”. Seu território não possui energia, por isso sua dificuldade de se manter conectada à tecnologia. Como contraponto ao estudante Valdeir, Jordana relata que não sente falta: “na minha vida pessoal quando estou lá na comunidade não vejo que a falta da tecnologia traz algum impacto”. Portanto, ao voltar para suas origens no Tempo Comunidade da LEdoC, gosta de estar em contato com a natureza e buscar outras formas de aprendizado. Quando está na universidade, por outro lado, busca empoderar-se desses aparatos tecnológicos para ter contato com as notícias e outras informações, pois assim poderá compartilhar com seus familiares as informações obtidas durante a etapa.

Beatriz, 23 anos, negra e moradora da comunidade Kalunga Prata, localizada na cidade de Paranã, Tocantins, afirma que embora conheça os meios tecnológicos e use com frequência *Google*, *Whatsapp*, *Facebook*, e-mail e ligações, deixa claro que usa somente quando está na cidade porque onde reside não possui energia. Quando está em

sua comunidade usa “cartas ou recados que podem demorar até semanas para serem entregues.” Ela relata que só se apropriou dessas tecnologias após ingressar na LEdoC-UnB, “pois antes era mesmo só uma forma de passar o tempo quando estava na cidade sem fazer nada muito importante, mas na universidade percebi que a tecnologia ia além de “passatempo” e com isso percebi o quanto é importante se potencializar desses aparatos”. A jovem confessa que após se empoderar das NTICs, suas aulas no estágio durante o percurso da sua graduação ficaram enriquecidas, pois ela pode levar novidades para escola tal como vídeo, que foram baixados na cidade. Ela afirma:

“Eu particularmente valorizo muito a tecnologia na escola, pois ela abre muitos caminhos para um conhecimento melhor e maior sobre várias questões tanto da atualidade quanto da antiguidade, porém é preciso saber usá-la. Por ter feito estágio em local sem acesso a ela, senti falta da mesma, acho que se toda escola pudesse oferecer esses meios seria bem melhor tanto para os professores quanto para os estudantes, pois, por exemplo, como alunos não teríamos tanta dificuldade depois com a mesma quando estivéssemos na universidade, além de vários temas que não estão nos livros didáticos poderiam ser discutidos em sala através de pesquisas usando a tecnologia”.

Ela finaliza:

“eu era “analfabeta” no que diz respeito à tecnologia, antes eu usava somente o celular e daí tive que aprender a manusear o computador, o que foi algo novo para mim, mas consegui com a ajuda da LEdoC-UnB”.

Hoje tem certo domínio desses aparatos e afirma que até compra livros pela internet para ler quando está em sua comunidade. Como diz ela isso é uma “coisa que nunca tinha feito” antes de ingressar na universidade. Assim, segundo ela, fica conectada ao mundo sem sair de casa por meio dos livros.

3.2 - Grupo 2: estudantes que tiveram acesso à formação em NTICs

Nessa era digital que estamos vivendo, às vezes, vemos as palavras perdendo seu poder e dando espaço aos elementos gráficos, nos quais as páginas digitais estão conquistando cada vez mais seu público. Contudo, saliento que a ortografia não faz que as pessoas estejam em um nível acima das demais, por outro lado a multimodalidade nos desafia a interpretar de várias formas o processamento da imagem. Por isso vem a necessidade de uma boa formação, que a pesquisa com o Grupo 02 deixa em evidência.

O acesso por meio de diferentes processos de formação em NTICs permitiu a qualificação no letramento digital a três estudantes. Um deles é Adonilton, um jovem de 27 anos, morador do acampamento 08 de março, vinculado ao Movimento Sem Terra (MST). Ele iniciou seu curso na licenciatura em Educação do Campo em agosto de 2016 na habilitação em Linguagens, e passou duas etapas com dificuldade em manuseio das tecnologias. Em julho de 2018, voltei em sua etapa para finalizar a pesquisa de campo e ver o que mudou durante esse período. Ele relata que a sua oralidade mudou bastante. Notei que suas dificuldades foram superadas. Ele disse que o contato com o audiovisual na LEdoC-UnB fez toda diferença, a partir daí surgiram grandes oportunidades na sua formação. Inicialmente, ele participou de formações em audiovisual no projeto Residência Agrária Jovem e depois aprofundou esse conhecimento no projeto de extensão em comunicação comunitária juntamente com o professor de audiovisual da LEdoC-UnB. Essa formação se deu na FUP, sendo levada ao acampamento Roseli Nunes, que é vizinho ao seu, e no seu acampamento. Logo após essa formação, ele pode compartilhar e ajudar os colegas da comunidade no setor de comunicação, fazendo a divulgação das atividades do movimento social no DF e entorno.

Ele relata a importância das NTICs, “que por meio dessas ferramentas a classe trabalhadora terá oportunidade de contar a real história do povo para o povo”. Diz-me que suas produções “sofrem com silêncio”, pois são detidas pela mídia tradicional e seus interesses de elite, onde só são publicados os materiais que convém, mesmo que os

documentários sejam verdadeiros. Uma exceção é a Mídia Ninja— veículo de comunicação alternativo que só publica no *Facebook* e no *Youtube*. Mas ele ressalva de forma contente a iniciativa que participa com estudantes de Comunicação Comunitária da UnB campus de Planaltina e campus Darcy Ribeiro no plano piloto, em que juntos possam quebrar esse paradigma dos fatos distorcidos. O jovem finaliza mostrando dois vídeos de sua produção juntos com estes colegas: o primeiro, um material para uso interno com crianças sem terrinha e a produção do acampamento, e um segundo com um material sobre a comemoração de 10 anos da LEdoC, onde participou da montagem, com sequência das fotos do roteiro. Assim, ele mostra a importância do audiovisual na sua comunidade.

Já o caso de Luan, jovem de 25 anos, filho de comerciante de Teresina e militante nas lutas sociais, é um pouco diferente. Ele informa que “embora não seja um *expert* no mundo das tecnologias digitais”, considera seu processo de formação bom, pois possui um bom desenvolvimento no celular, projetor, computador, audiovisual e internet. Segundo ele, poderiam ser usadas mais as NTICs (tais como *e-mail* e *whatsapp*) durante o tempo comunidade (TC) para que possamos manter o vínculo com os professores da LEdoC-UnB, assim teríamos mais troca de conhecimentos como eles dando mais suporte nos estágios. Diante dessa luta pela apropriação das NTICs, ele afirma que “a arma mais poderosa da comunicação é a oralidade”, destacando que o celular é a ferramenta mais usada para sua militância e por meio do diálogo que se mantém contato direto e “assim a conversa não distorce os fatos, enquanto nas redes sociais é preciso checar as fontes se são verdadeiras para não passar adiante notícias falsas”. Ele conclui que após entrar na universidade, obteve mais acesso aos movimentos sociais, isto ocorreu devido às oportunidades de participar de vários grupos de militância.

Adailton Júnior, jovem de 21 anos, cantor e compositor do Ant´Cistema (grupo de rap de sua comunidade), relata ter bom domínio sobre as tecnologias digitais e compreende que em sua formação de educador, os meios de comunicação são necessários para nos qualificar cada vez mais, pois “interfere substancialmente no modo com que passamos os conteúdos, por isso é necessário ter desenvolvimento da pedagogia do exemplo” junto aos educandos na escola. Assim poderemos transformar e sistematizar ações importantes na comunidade.

Ele levanta pontos importantes como manter esse diálogo entre o livro impresso e o digital, porque sabemos que na prática as novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs) são considerados um desafio aos docentes, e que muitas vezes são necessários cursos para que eles se sintam seguros em desenvolver seu uso em sala de aula. Embora vivamos em um mundo tecnológico, encontramos barreiras. Mesmo com desconforto, eles já notam que essas ferramentas são necessárias para que haja uma aproximação do aluno ao professor, assim o aluno se torna mais interativo. O jovem demonstra ser uma pessoa conhecedora dos aparatos tecnológicos e relata que por meio do grupo Consciência e Arte, tornou-se entendedor crítico da arte e da música. Ele esclarece que o teatro ajudou a ter base em sua comunidade, fazendo um contraponto com Valdeir do grupo 1 que usou o teatro para formar seus componentes devido à falta da internet. Sobre a música rap, ele relata que o diálogo em comunidade deu oportunidade de expressar seu pensamento crítico nas letras de suas músicas. Assim, ele pode retratar a realidade em forma de rap, e ele usa todo recurso tecnológico em seu favor nas melodias de suas canções e divulgações de eventos.

3.3 – Grupo 03: estudantes que ingressaram no curso sem nenhuma noção em NTICs

O computador está se tornando indispensável nas escolas, porém é necessário que haja sentido em seu uso para obter bons resultados. O seu uso não garante uma educação de qualidade, além disso, essas ferramentas são de apoio e não substituição de docente. A pesquisa com o grupo 03 comprova que estudantes que ingressaram no curso sem nenhuma formação das NTICs, quando se depararam com essa situação da necessidade de uso do computador e outras ferramentas, sentiram-se inseguros. Os estudantes entrevistados neste grupo relatam que, ao entrar na LEdoC, abriram-se as portas para os novos conhecimentos. Um dos principais exemplos foram as aulas de laboratório de informática com as professoras voluntárias Wanessa de Castro e Silvia Naara, pós-graduandas da UnB, que desenvolveram o trabalho de implementação das TICs em sala de aula e a professora Cris Araújo, que nos ajudou nas oficinas de

letramentos múltiplos, oficina esta oferecida em conjunto com a professora Rosineide Magalhães.

Com ousadia e se desafiando, alguns estudantes conquistaram por eles mesmos sua autonomia no uso e no manuseio desses meios tecnológicos, que teve como ponto de partida as aulas de laboratório. O estudante Lucas, jovem de apenas 21 anos residente na comunidade de Virgilândia, município de Formosa-GO, ainda trabalha com os serviços braçais na roça e que se apegou à universidade como oportunidade aprimorar para seus conhecimentos. Ele admite que ainda possui grandes dificuldades de manuseio do computador, mas aos poucos está desenvolvendo suas habilidades. Em relação às aulas de laboratório de informática oferecidas pela LEdoC-UnB, ele reconhece que o ajudaram porém na época não tinha condições de comprar um computador. Como não possuía bolsa estudantil, Lucas se manteve na universidade somente com seu próprio trabalho quando estava em TC. Somente obteve condições de comprar seu primeiro computador no 6º período, assim ele relata “que ficou em desvantagem na turma”. Nos seus estágios, não usou nenhum recurso tecnológico, e ainda se sente inseguro para usar essas ferramentas, então ficou somente com o uso dos livros pedagógicos. Na sua vida pessoal usa bastante os meios tecnológicos como celular e internet para se manter conectado com sua noiva, pois ambos moram em comunidades diferentes. Assim, ele conclui que a tecnologia os aproxima mesmo estando distantes por meio do *Whatsapp* e vídeo-chamadas ficam próximos.

A estudante Eurilene, 32 anos, moradora no Renascer Sobradinho-DF, relata que ao ingressar no LEdoC-UnB para fazer o curso de Linguagens não colocou obstáculos em seu caminho com as tecnologias. Mesmo com dificuldades em não ter computador, nas primeiras etapas fazia seus trabalhos manuscritos, prática que ajudou muito no seu desenvolvimento textual. Ela afirma que hoje, mesmo usando o computador de sua irmã, se sente muito capacitada para desenvolver seus trabalhos, depois de dificuldades e “muitos micos”, segundo ela comenta com bom humor. O curso transformou sua vida, pois a Educação do Campo ensinou a resistir e a lutar pelos seus ideais. Hoje é colaboradora bolsista juntamente com o professor de linguística e ajuda a ministrar aulas no projeto de extensão em EJA da LEdoC-UnB para os funcionários do campus de Planaltina que ainda não eram alfabetizados. Relata ainda que os seus estágios foram desenvolvidos com algumas ferramentas que as NTICs ofereceram e ela percebeu nitidamente a evolução na turma após o uso, pois seus alunos ficaram mais interessados

por pesquisas e assim, segundo ela, outro benefício é ajudar a natureza economizando papel. Ela finaliza agradecendo ao curso pelas aulas de laboratório com as professoras voluntárias, pois “por meio dessas aulas pode ter acesso aos meios tecnológicos”, porém hoje, dadas as condições econômicas, usa apenas o celular.

O estudante Carlos Roberto, jovem de 23 anos, casado, quilombola, naturalista, compositor e poeta relata que quando morava na Comunidade Prata, em Tocantins, não tinha energia, por isso não tinha nenhum vínculo com a tecnologia. Após entrar na LEdoC-UnB, seus pensamentos mudaram com a filosofia de vida. Hoje reside em Cavalcante e traz consigo suas raízes de Kalunga que são muito fortes. Segundo ele, durante as aulas de laboratório com as professoras voluntárias, criou seu e-mail, currículo lattes, entre outras coisas. Um exemplo é que, por meio do empoderamento das NTICs, hoje ele as usa para divulgar seu comércio “Aroeira”, uma lanchonete de produtos naturais. De posse do aperfeiçoamento nos conhecimentos das tecnologias, as utilizou para reativar o grupo de teatro Vozes do Sertão Lutando por Transformação (VSLT) e por meio da apropriação das NTICs faz divulgação dos seus trabalhos como eventos, reuniões e documentação de suas apresentações. Assim, com esses meios mantém o grupo ativo quando está em etapa (TC). Ele finaliza que “conquistou sua liberdade ao aprender manusear esses meios tecnológicos e que hoje pode trocar experiências com os colegas da LEdoC-UnB e até mesmo seu ramo profissional”.

A estudante Adilene de 24 anos, casada, mãe de dois filhos, um de três e outro de seis anos, mulher simples e lutadora, dona de casa, é moradora na comunidade Vão de Almas em Cavalcante, Goiás. Ela relata que ingressar no curso da LEdoC-UnB ajudou a superar a sua timidez, principalmente por meio do teatro. As oficinas de extensão de letramento na FUP, segundo ela, a ajudaram a melhorar sua leitura e escrita. Por outro lado, quanto ao uso das NTICs, mesmo em posse de seu computador não consegue ainda dominar o manuseio com segurança dessa ferramenta tecnológica, e sua timidez acaba dificultando a estudante de desenvolver suas habilidades e de sanar suas dúvidas a respeito. No estágio só usou livros didáticos, pois assim se sente mais segura para desenvolver os conteúdos, também porque na época não tinha comprado seu computador devido à dificuldade financeira. Mesmo recebendo sua bolsa estudantil, não conseguiu compra-lo, pois ela tem que ajudar com as despesas familiares.

3.4 - Grupo 04: estudantes em situação próxima à ideal

A tecnologia chegou ao campo e com ela os desafios de se manter conectado, nesse modelo atual fica quase impossível manter-se desconectado a esses aparatos tecnológicos. Adicionar as NTICs sem afetar negativamente o ensino aprendizagem é uma das preocupações da turma Ganga Zumba sobre a formação de linguagem da LEdoC-UnB, segundo relato das estudantes que se encontram em uma situação ideal, com formação e acesso à internet e aos meios de suporte.

A entrevistada Leidiane, de 22 anos, casada e mãe de uma mocinha de seis anos, moradora da São José na cidade de Cavalcante, Goiás, é comerciante junto com o marido em uma loja de eletro doméstico. Na loja, todas as compras de mercadoria e toda burocracia é ela que resolve. Relata-me que hoje conhece e tem acesso à internet em sua comunidade, porém antes de ingressar na LEdoC-UnB considerava, com bom humor, o computador um “monstro”. Leidiane comenta que vinha de outra realidade, tanto da condição financeira e por não ter contado com acesso às tecnologias, e que muitas vezes se sentia inferior em relação às outras pessoas por não conhecer e nem manusear alguns aparelhos. Hoje ela está sempre conectada, seja para os estudos, o lazer ou o trabalho, e por trabalhar com compras por e-mail é preciso manter essa conexão.

No seu estágio, usou a tecnologia em seu favor para que pudesse buscar junto aos seus alunos sanar as dúvidas de conteúdo e pesquisa para enriquecer suas aulas. Porém, confessa que teve alguns contratemplos, porque seus alunos ficam conectados durante as aulas nas redes sociais, mas para ela não atrapalhou o andamento de suas aulas, pois a mesma soube contornar a situação, colocando o estudante que estava nas redes sociais para pesquisar assunto da aula, assim isso ajudou sua aula a ficar mais rica. Ela finaliza dizendo que as tecnologias nos dias atuais são nossas aliadas e que devemos nos apropriar dessas Novas Tecnologias de informação e Comunicação (NTICs), para não ficarmos “construindo monstros em nossas cabeças”. É importante reconhecer que a tecnologia é facilitadora reforça Leidiane, dizendo “me mantenho conectada via *Whatsapp, Facebook, Messenger, Instagram*, uso *Word, Power Point, Youtube*, é por meio deles que fico sabendo das notícias e acontecimentos do mundo”.

Já a jovem Cassiana Rosa, 23 anos de idade, poeta que se orgulha de ser negra, moradora do Vão do Moleque, município de Cavalcante, Goiás, atualmente vive na

cidade de Cavalcante. Cassy, como gosta de ser chamada, tem acesso à tecnologia, conhece e domina. Segunda ela relata, “sempre fui uma pessoa muito curiosa, e a tecnologia sempre me chamou a atenção, no entanto não tinha condições de fazer um curso de informática, mas sempre quando pegava o celular da minha irmã sabia mexer em tudo, tanto que persistia em procurar as coisas novas”.

Ela revela que quando chegou à universidade já dominava os aparatos tecnológicos, porém tinha dificuldade na digitação porque não possuía computador e só conseguiu comprar com ajuda da bolsa quilombola oferecida pela universidade. Mas, de modo geral, já conhecia as normas da ABNT. De posse do computador, seus estudos e pesquisas ficaram mais fáceis. Quando ela está no tempo universidade (TU) aproveita e baixa seu material de estudo, por conta da melhor banda larga, e revê quando está no tempo comunidade (TC). Assim ela está em constante estudo, “por que além de não ter internet *wi-fi* em casa, a rede da nossa cidade ainda é 2G, o que dificulta bastante o uso dos dados móveis.” Mas deixa claro que os livros são seus companheiros, gosta de uma boa leitura como Angela Davis que ajudou bastante para potencializar seus conhecimentos. Ela comenta: “somente por meio dos livros percebi que precisava ampliar minhas pesquisas, por isso meu interesse no digital”. Ao perguntar para a jovem se usa com frequência os meios tecnológicos na escola, me surpreendi com sua resposta, que durante seu desenvolvimento de trabalho na escola de inserção não os usou em seu favor dizendo: “não usei nenhum meio tecnológico em meu estágio por não terem esses recursos na escola”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desse trabalho possibilitou uma análise sobre como as Novas Tecnologias de Informações e Comunicação (NTICs) que estão presentes no nosso cotidiano impactam na formação das turmas de linguagens da LEdoC-UnB. De modo geral, os estudantes de linguagens demonstraram o interesse de usar os recursos das tecnologias dentro e fora da sala de aula e buscaram meios para se manterem conectados e atualizados aos aparatos da tecnologia, mas ainda encontram uma série de dificuldades com o acesso à internet e aos equipamentos, e assim conectarem-se a uma boa informação. A maioria usa os aparatos tecnológicos como recursos didáticos e a maioria se sentem preparada para esse mundo tecnológico. A Educação do Campo contribui nessa preparação, pois possui vantagem em relação a outros cursos por tratar dessas linguagens de códigos técnicos e linguísticos de forma orgânica durante a nossa formação, o que possibilita relacionar os gêneros e as mídias. Os meios de informação podem ser múltiplos, como as linguagens, como aponta Soares (2003), o que abre leques de interpretação que vão das linguagens corporais como o teatro, linguagem de sinais como a libras, entre outras. Diante das falas dos estudantes, fica evidenciada a necessidade do uso das NTICs dentro e fora da sala de aula, que os objetivos de cada recurso foram alcançados.

Paula e Mané (2016) afirmam que o indivíduo tem capacidade de se adequar ao meio em que vive, sendo assim, o sujeito do campo mesmo em desigualdade social e econômica busca alternativas para manter-se conectado. Embora isso seja direito dos povos do campo assegurado pelo Decreto nº 7.532, pg. 457 da DOEPEC (Diretrizes Operacionais para Educação Básica para as Escolas do Campo), que afirma que a Educação do Campo tem direito a essa implantação da inclusão digital no campo, o Estado negligencia nossos direitos com dificuldades de infraestrutura como a falta de energia nas comunidades. Assim, não conseguimos colocar força na reivindicação por acesso à internet no campo, já que falta algo ainda mais básico que é a infraestrutura de energia, e com isso nossas escolas ficam sem a tão sonhada banda larga para todos. É preciso mais luta para que não tenhamos nosso direito só no papel, pois é dever do Estado oferecer uma educação gratuita e de qualidade.

A formação da Educação do Campo permite uma leitura crítica da realidade, por formar leitores pensantes e críticos. Hoje estamos assistindo a nossas vidas se modificaram com o uso do celular, mencionado em nossos objetivos específicos e bastante presente nas entrevistas com os estudantes. É uma ferramenta para obter o conhecimento e ampliar o benefício do uso das NTICs em sala de aula, porém é necessária uma estrutura pedagógica para que o uso do celular em sala de aula pelo aluno seja parte de uma estratégia pedagógica, assim o professor teria a função de orientador para que não se torne apenas diversão. É fundamental fazer uma reflexão sobre a importância e necessidade da tecnologia, para que não haja perda do seu potencial.

Encontramos muitas limitações no decorrer do processo de apropriação, que chamamos de empoderamento desses aparatos tecnológicos. Uma delas é a falta de condições econômicas, pois a maioria dos entrevistados mora em assentamentos ou comunidades quilombolas onde o acesso à internet é difícil e muitas vezes não possuem energia elétrica. Com isso, o acesso a conteúdos é limitado devido à falta de estrutura nas escolas e não por falta de capacitação dos professores. Porém, isso não impede que em algumas escolas já se experimente elementos de uma “escola do futuro” com uso e interações com formatos, códigos técnicos e linguísticos. Vimos, por exemplo, nas entrevistas dos estudantes Valdeir e Cassiana, que dominam os meios tecnológicos, a sua não utilização nas escolas devido à falta de estrutura, de internet nas escolas, e isso os limitou em seus estágios a desenvolver seus conteúdos com o uso das NTICs.

Tendo em vista o argumento apresentado, o uso dos aparatos tecnológicos nas escolas do campo é raro, mas isso não impede que tenha uma boa formação. Como futuros educadores, temos de utilizar as novas tecnologias como ferramentas de apoio e não como ferramentas que levem à substituição do docente, mas isso não quer dizer que uma aula 100% presencial garanta qualidade. Em relação ao mundo digital, os professores precisam conhecer formas de usar essas tecnologias em sala de aula para estimular o letramento digital do aluno, pois hoje deparamo-nos com esse universo digital com aulas presenciais e *on-line*. Por outro lado, encontramos algumas barreiras, umas por resistência de alguns professores referente ao novo, outra porque os jovens já estão tendo acesso antes mesmo de chegarem à sala de aula, com isso acaba dificultando essa aprendizagem colaborativa. Cabe aos docentes, portanto, também estarem abertos para aprender com os estudantes.

Entendendo a importância do uso das NTICs e sua relação com o letramento, o indivíduo letrado é aquele que faz uso da leitura e da escrita com desenvoltura e propriedade relacionando-as com as práticas sociais fora da escola, ou seja, não basta só ler e escrever. O desafio é saber interpretar, pois vivemos na era da globalização, onde a tecnologia está implantada no nosso cotidiano, por isso é necessário que saibamos compreender o que circula no meio, seja ele social, cultural e político para que possamos analisar cada tema dentro do devido contexto. Portanto, é necessário termos uma leitura refinada com senso crítico.

Nesse sentido, a utilização das NTICs traz a necessidade do aperfeiçoamento dos professores a essas novas tecnologias, a problemática da alfabetização da informática e das multimídias dos professores entendendo que as atividades de Linguagens demandam em artes, audiovisual, música, teatro, estas competências. E a importância da leitura segue vital para que não haja empobrecimento linguístico, trazendo possibilidade da construção multicultural. Assim se dá a importância e necessidade da tecnologia em sala de aula, porém é preciso reconhecer que no momento atual a própria forma de comunicar inclui a tecnologia, e nesse sentido sua tarefa será de contribuir para que ambas possam trabalhar de forma integradora livros e NTICs.

Cabe ressaltar, como vimos nas entrevistas do Grupo 01, que nem a falta da energia impediu que as professoras Ana Carolina e Beatriz levassem a tecnologia para dentro da escola. Elas usaram sua criatividade, baixaram vídeos em seus computadores na cidade e levaram para escola do campo para que seus alunos tivessem contato com o novo. Ambas usaram a tecnologia em seu favor para enriquecimento de suas aulas, possibilitando aos seus alunos terem contato com a tecnologia mesmo sem energia.

Ressalto, por fim, que ler um livro é muito bom, o leitor vê muitas vezes uma preciosidade em sua frente. Melhor ainda, abri-lo é viajar em um mundo feito de palavras sem sair na cadeira. Entretanto, essa descoberta só acontece quando lemos, a leitura é capaz nos conectar ao desconhecido e quem não lê fica parado no tempo. A falta do hábito da leitura está deixando os estudantes cada vez mais com dificuldade de escrever, pois a falta desse treino acaba desenvolvendo essa deficiência e, inclusive, as tecnologias podem contribuir nesta reconexão com a leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Júlio Cesar; DIEB, Messias. **Letramentos na Web: gêneros, interação e ensino**. Fortaleza: Editora UFC, 2009.

ARAÚJO, R. P. et al. **B. O. M.: Base de Operações Matemáticas**. TCC (Graduação em Engenharia Elétrica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, 2011.

BARBERO, Jesus Martin. Artigo Internacional: **Desafios Culturais da Comunicação & Educação**, São Paulo, [18]: 51 a 61, maio/ agosto. 2000.

BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Múltiplas Linguagens: Áreas do conhecimento no Ensino Fundamental**, Ed. salto para o futuro. São Paulo, 2001.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas: uma experiência de teatro popular no Peru**. Rio de Janeiro: civilizado Brasileira, 1991.

BONILLA, Maria Helena Silveira. **Educação e informática**. Uni agenda. Ano 3, n.122. Ijuí-RS, 28 set. A 10 out. 1997, p 2.

BRAGA, Denise Bértoli. **Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação e Participação social: possibilidades e contradições**. São Paulo; Cortez, 2015.

BRAGA, Denise Bértoli; VÓVIO, Claudia Lemos. **Tecnologia Digital da Informação e Comunicação e Participação Social: Uso de tecnologia e Participação em Letramentos Digitais em Contexto de Desigualdade**. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

CALDART, Roseli Salette. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salette et. al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CARDOSO, K. R. et.al. **Display Braille por estimulação sonora para inclusão de deficientes visuais no ambiente escolar** (DBES – Display Braille por estimulação sonora). TCC (Graduação em Engenharia Elétrica)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP. 2011.

CASTRO, Wanessa de. **A formação de educadores do campo para uso das tecnologias digitais na educação na LEdoC-UnB**. In: 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, 2010, Recife. Anais Eletrônicos. Recife: NEHTE/UFPE, 2010. Disponível em <https://www.ufpe.br/nehete/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Wanessa-deCastro.pdf> Acesso em abril/2012

DOLORS, Jacques. **A Educação para o século XXI: Questão e perspectivas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2012.

FEREIRA, C. L. **A relação das professoras da sala de recursos/apoio e da sala regular para o ensino de matemática de alunos com deficiência do ensino fundamental I**, Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP. 2014.

GARCIA. R. M. C.;MICHELS, M. H. **A política de educação especial no Brasil (1991-2011): uma análise de produção do GT15- Educação Especial da ANPED**. Revista Brasileira de Educação Especial. Marília, v.19, n. 3. PP. 307-324, 2013.

GOMES, D. L. S. et AL.CBA – **Conversor tempo real do Braille paraAlfanumérico**. TCC (Graduação em Engenharia Elétrica)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP. 2011.

GÒMEZ, Orozco Guillermo. Artigo Internacional: **Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI**, Palestra Goiânia 1999.

GONNET, Jacques. **Educação e Mídias**. São Paulo: Loyola, 2004.

JUNIOR, Dioclécio Campos, correio brasiliense: **A ditadura da imagem**, 32 de março de 2017.

KATO, Mary. No mundo da escrita: **uma perspectiva psicolinguística**. Editora Ática. 1986.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância** - Campinas, SP: Papirus, 2003 – (Série Prática Pedagógica); KLEIMAN, A.B. (org.) (1995a) Os Significados do Letramento: **Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras.

LEVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência** – O Futuro do Pensamento na era da Informática - RJ: Editora 34, 1993.

MAIMONE, Eulália. H.;RIBEIRO, Ormonzinda M. **Família e escola** : uma parceria necessária para o processo de letramento, In:Maiomone, Eulália H. et at. Dialogo sobre letramento: de professores para professores. Campinas- SP: pontes, 2015, volume13.

MANRIQUE, A. L. et al. **Dispositivo assistivos para escolas públicas: uma proposta de implementação**. In: ANAIS XXIII CONGRESSO BRASILEIRO EM ENGENHARIA BIOMEDICA, Porto de Galinhas, Pernambuco: SBEB, PP. 1-5, 2012.

MANRIQUE, A. L. et al. **The development of devices using smartphones to assist blind children in the environment**.In: First Brazil Ireland Science Week. Dublin, Irlanda: RBA, pp. 1-7. 2015.

MANRIQUE, Ana Lúcia; MARANHAO, Maria Cristina Sousa de Albuquerque; MOREIRA. Geraldo Eustáquio. **Desafios da Educação Matemática Inclusiva: Práticas**, volume II. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MOLINA, Mônica Castgna. **Licenciaturas em Educação do Campo e o ensino de Ciências Naturais**: desafios á promoção do trabalho docente interdisciplinar/ Mônica Castagna Molina, org. – Brasília: MDA, 2014, 268 p. (Serie NEAD Debate; 23)

MOLINA, Mônica Castgna; SÀ, Laís Morão. **Licenciatura em Educação do Campo**: Registros e Reflexões a partir das Experiências Piloto.– Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011, - Coleção Caminhos da Educação do Campo; 5

MOLINA. Mônica Castagna& Sá. Laís Morão. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

MOLINA, Mônica Castagna. **Legislação Educacional do campo**.In:Dicionário da Educação do Campo. EPSJV/Expressão Popular, 2012,p.453-459

OLIVEIRA JUNIOR, Miguel Adilson de: **Novas tecnologias na sala de aula**. Eccom,v.1,n,p.83-90, jan/jun.,2010.

LOPES. E. **Fundamentos da Linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 2005 (org.). Conversas com linguística. São Paulo: Parábola, 2003.

Revista. Língua Portuguesa: **A popularização do Internetês**. Ano 3 n° 40. Fevereiro de 2009. Ed. Segmento.

Revista. Língua Portuguesa: **O humor na internet**. Ano 9 n°97. Novembro de 2003. Ed. Segmento.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. Edição: Parábola Editorial, São Paulo, Junho de 2009.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema de três gêneros**. Belo Horizonte: Autentica 2000.STUMPF. Ida Regina. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2012.

VEIGAS. Ilma da Silva Rebello. O papel social da leitura e da escrita: **ser alfabetizado é ser letrado**. <http://www.filologia.org.br>. Acesso em 20 de junho de 2018.

ANEXO – IMAGENS DE APOIO

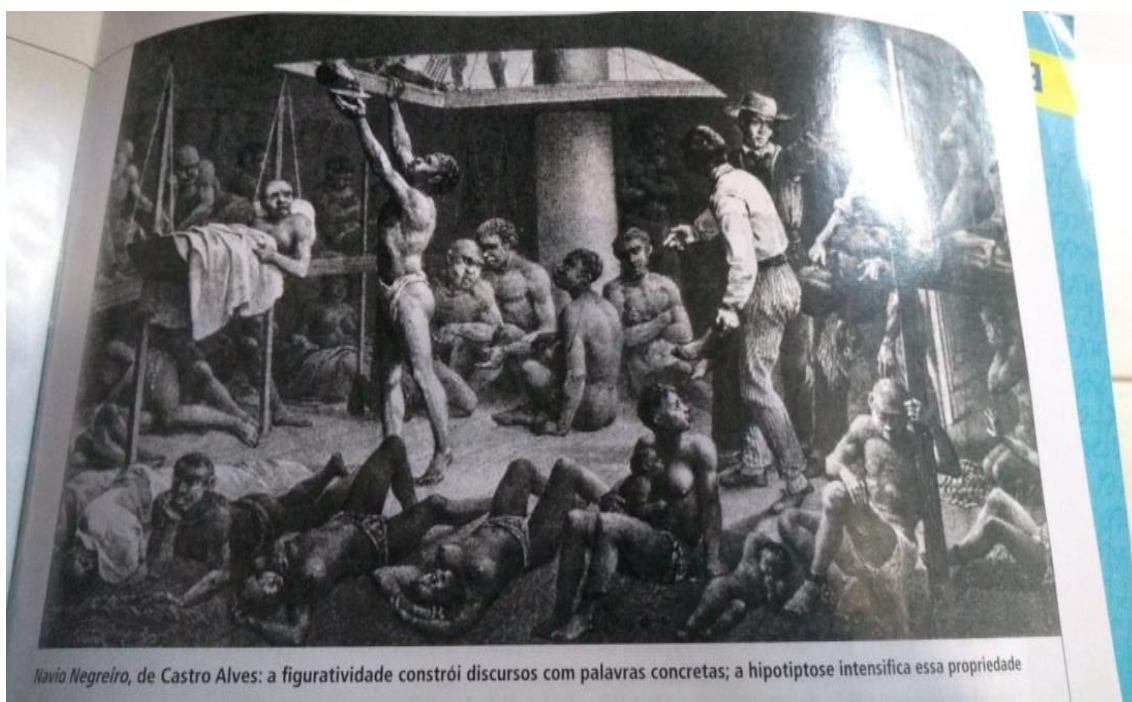


Foto (01) Fiorin, José Luiz: revista *Língua portuguesa* nº97 *O humor na internet* pag.45 imagem usada pelo professor do departamento da linguística da USP e organizador do livro linguística José Luiz Fiorin.



Foto (02) Biblioteca na escola Julio Cesar (momento do estágio) outubro /2017.

Fonte: Arquivo da autora.



Foto (03) 1º encontro do *seminário de 10 anos da LEdoC/ outubro/2017*, UNB

Fonte: Arquivo da autora.

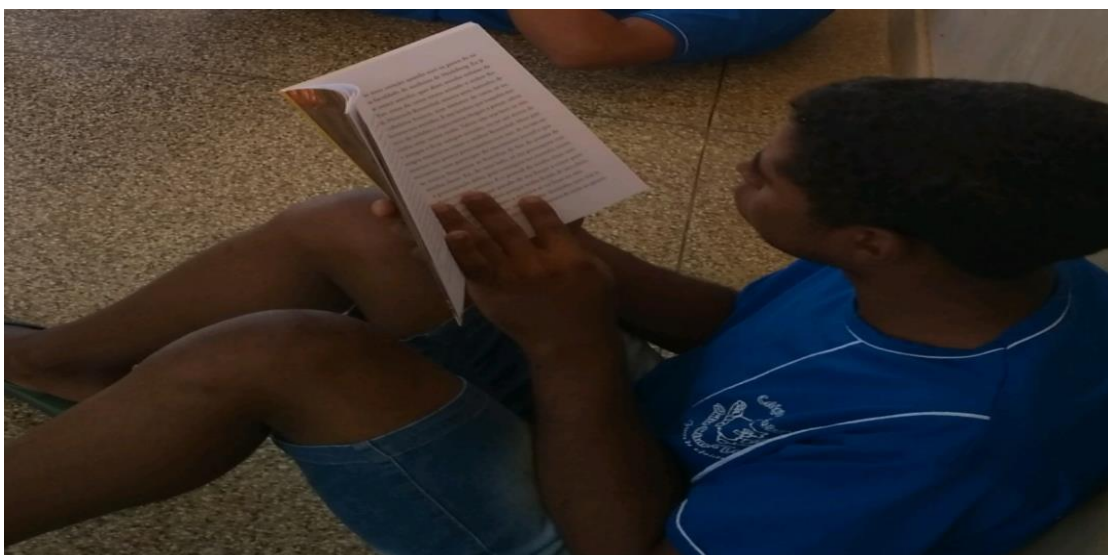
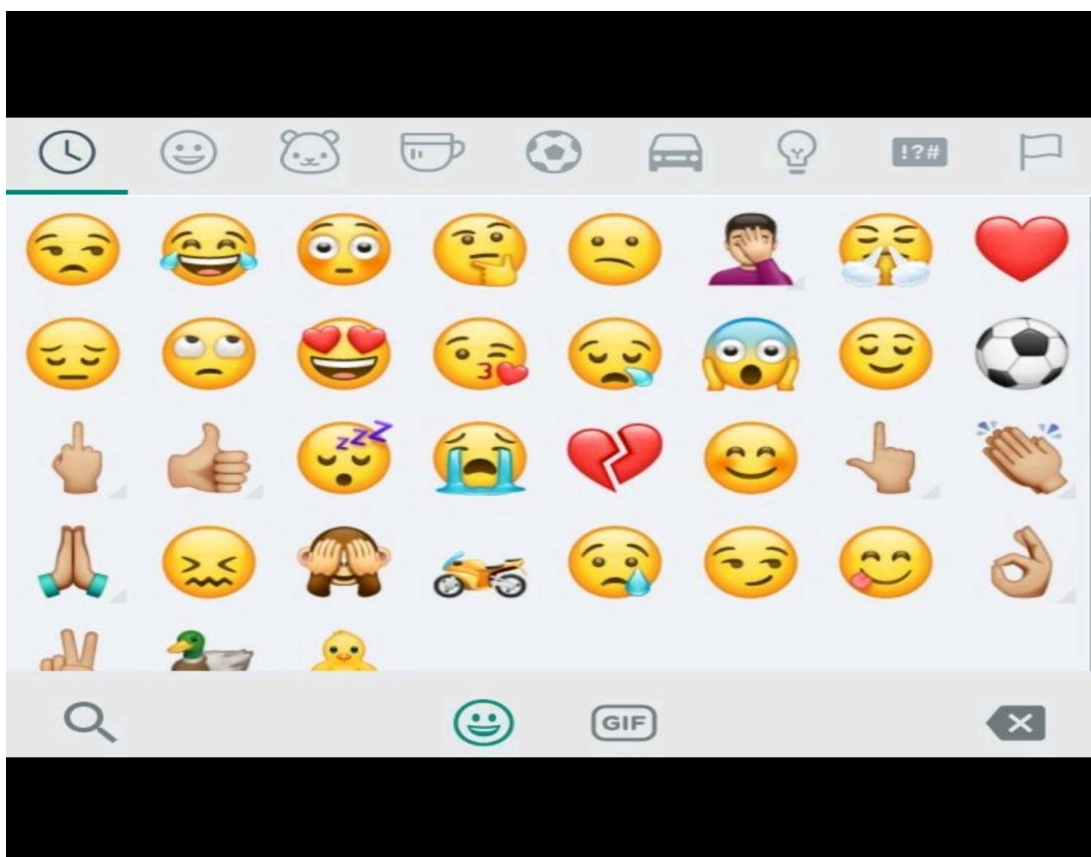


Foto (04) *leitura prazerosa*. Momento de leitura na escola Julio Cesar na aula de tópico de Literatura/ outubro 2017.

Fonte:Arquivo da autora.



Foto (05) *Fabiano Rampazzo:2009, Revista língua portuguesa n° 40,"fonte" a popularização do internetês/ o internetês na escola pag. 28.*



Foto(06) *Print emotion do celular da autora: 2018.*